

# Redes sociais digitais e educomunicação: protagonismo e participação de jovens na *Rádio JMS*

Douglas Calixto

## **Introdução**

As redes sociais digitais abrem caminhos para novas formas de expressão e de participação. Mais do que meios de comunicação tradicionais, as plataformas digitais, como *Facebook* e *Whatsapp*, por exemplo, estão cada vez mais imbricadas na própria dinâmica social, mediando relações e identidades dentro da sociedade. Nessa perspectiva, as redes sociais digitais têm se tornado um espaço de efervescência multicultural, pois deixaram de ser apenas instrumentos midiáticos. Isso significa, na prática, que as tecnologias passaram a desempenhar papel decisivo na percepção de realidade e no próprio desenvolvimento social e econômico dos cidadãos. Como pontua Recuero (2013), as redes engendraram novas formas de interação entre

os atores sociais. Os laços entre sujeitos passaram a também ser construídos por interesses comuns e encontraram nos sites de rede social o seu lugar. Os reflexos são alterações no convívio *off-line* com manifestações distintas de pessoas que se organizaram e se mobilizaram por meio das redes sociais.

Com o avanço de sites como *Facebook* e *Twitter*, por exemplo, cidadãos de diferentes idades, regiões e nacionalidades se reúnem em torno de um interesse comum, mesmo separados por inúmeras barreiras – geográficas, econômicas, sociais. Nesse cenário, surgem movimentos organizados em rede a fim de buscar oportunidades e espaços de expressão. No contexto educativo, o interesse em comum a esses jovens que se conectam em rede é ter voz e espaço para a ação inventiva e criativa da comunicação. Vale dizer, os estudantes agora avançam em novas percepções sobre o que são as redes sociais, se tornando protagonistas do processo de construção do conhecimento. O presente capítulo pretende discutir exatamente a utilização das redes sociais no sentido educ comunicativo, ou seja, a utilização dos meios eletrônicos com recursos pedagógicos no contexto escolar. Além disso, pretende-se analisar como alunos das escolas municipais de São Paulo utilizam as plataformas digitais para ações de protagonismo e participação. Para a análise, o artigo investiga o trabalho desenvolvido na *Rádio JMS*, projeto de educomunicação da EMEF Julio Marcondes Salgado, localizada no bairro Parque Edu Chaves, na zona norte da cidade. Busca-se articular dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação e do curso *Redes Sociais na Escola*, organizado pela Prefeitura de São Paulo para docentes.

## **A perspectiva da Educomunicação para as redes sociais digitais**

As discussões que circundam a relação entre Comunicação e Educação estão sendo construídas há um longo tempo. Desde o começo do

século XX, pesquisadores procuram entender, entre outras preocupações, a influência dos meios de comunicação na produção e circulação do conhecimento. O interesse de pesquisadores e profissionais dessa interface é compreender quais são as consequências da mídia na formação dos atores sociais. Na América Latina, essas discussões se fortaleceram em torno de nomes como Paulo Freire, Mário Káplun e Guillermo Orozco Gómez, por exemplo. Em sua obra, Freire (1983) mostra como a comunicação deve ser vista na perspectiva da relação, de forma dialógica, desenvolvendo o ato educativo. Em outros termos, a comunicação não deve ser vista no eixo emissor-receptor, usando os meios de comunicação como instrumento na educação, mas investindo na comunicação em torno das nas relações sociais. Como propõe Aparici (2014, p. 32), “muitos dos princípios de Paulo Freire” sobre participação, dialogicidade e diálogo deram origem ao pensamento educacional.

Mário Kaplún<sup>1</sup>, por sua vez, desenvolveu a perspectiva da comunicação transformadora dentro dos processos educativos, argumentando que o importante é educar pela comunicação e não educar para a comunicação. No México, Orozco Gómez investe na discussão sobre o papel do comunicador popular, investigando as origens da ideia que marcou o sistemas de ensino na América Latina que “os meios de comunicação não têm legitimidade para ensinar”<sup>2</sup>.

Na esteira do pensamento de Freire, Káplun, Orozco Gómez, entre outros importantes pesquisadores sobre Comunicação e Educação

---

1 *La educocomunicación*. Homenaje a Mário Káplun. Disponível em: <[http://www.uhu.es/cine.educacion/figuraspedagogia/0\\_mario\\_kaplun.htm](http://www.uhu.es/cine.educacion/figuraspedagogia/0_mario_kaplun.htm)> Acesso em: 13 de ago. 2015.

2 *Revistas Eletrônicas PUCRGS. Mídia, recepção e educação: Entrevista com Guillermo Orozco Gómez*. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3298/2555>> Acesso em: 20 fev. 2016.

na América Latina e, claro, outros elementos que surgem no interior de organizações sociais que trabalham a comunicação na perspectiva da educação popular e da comunicação comunitária, passa a se consolidar uma nova área, a Educomunicação. Como destaca Soares (2014), é necessário destacar a origem social da dessa nova área do conhecimento:

A sociedade civil criou a Educomunicação e a academia a sistematizou. É o que temos reiterado, inúmeras vezes. Isso significa dizer que o conceito não nasceu em consequência da aplicação de resultados de pesquisas à realidade social, mas emergiu das práticas de agentes comunitários que, nos meados do século XX, buscavam soluções para seus problemas de comunicação. Uma vez identificada e sistematizada, foi possível à academia propor a prática educ comunicativa a diferentes âmbitos sociais, entre os quais o midiático e o educativo. (SOARES, 2014, p. 136)

Entre os anos de 1990 e 2000 com pesquisas desenvolvidas no Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP, a fim de solidificar esse movimento na inter-relação entre Comunicação e Educação, o conceito de Educomunicação começou a ganhar forma, constituindo com uma nova área de conhecimento. Nesse sentido, para Soares (2011) a educomunicação passa a ser entendida como

área da prática social preocupada com a natureza dos ecossistemas comunicativos em que os sujeitos sociais estão inseridos, objetivando não apenas garantir o acesso aos recursos da informação, mas essencialmente facilitar que o domínio dos novos instrumentos esteja sintonizado com um projeto político que garanta o exercício universal do direito à expressão, no contexto de uma sociedade solidária que faça a cidadania prevalecer sobre o mercado. (SOARES; VIANA, 2012, p. 4).

No presente capítulo, reconhecer a Educomunicação como campo em construção, na perspectiva de prática social, externada por Ismar Soares, é fundamental para discutir a questão aqui proposta: a utilização das redes sociais digitais dentro do contexto escolar. Tal perspectiva analítica leva em consideração que a Educomunicação entende as tecnologias digitais — consequentemente as redes sociais na internet — como uma mediação possível para ampliar diálogos sociais e educativos. “A educomunicação se apresenta como um caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude” (SOARES, 2011, p. 24).

Pensar os movimentos em redes digitais é, numa abordagem educacional, entender as redes sociais na internet como espaços de expressão e diálogo social. Ou seja, não há educação para cidadania na web se o desenvolvimento das ações não objetivar estimular processos de expressão e participação social, da relação entre sujeitos sociais a fim de transformação social. Nesse sentido, o conceito de Educomunicação intenta orientar práticas e ações com as tecnologias a fim de garantir o “exercício universal do direito à expressão, no contexto de uma sociedade solidária que faça a cidadania prevalecer sobre o mercado” (SOARES, 2011, p. 35).

Estamos diante de um contexto contemporâneo onde a circulação de informação e conhecimento é rápida, dinâmica e interativa. Dessa forma, as redes sociais digitais se tornaram uma extensão da esfera pública, constituindo-se como um lugar para o exercício da cidadania. Olhá-las como um novo meio de comunicação, apenas com características distintas de outros meios, como rádio ou TV, por exemplo, pode ser um deslize perigoso. Pensar as tecnologias com um mero instrumento ou nova etapa dos avanços das mídias tradicionais é, ine-

vitavelmente, uma abordagem funcionalista<sup>3</sup> da comunicação, focada nos resultados, com um detentor de poder no eixo emissor-receptor. Como já discutido anteriormente, a origem da Educomunicação vai na contramão do funcionalismo, investindo nas relações sociais e no poder transformador da comunicação.

Nesse sentido, é necessário, para discutir a influência das tecnologias na educação, compreender que essas tecnologias, mais que um meio de comunicação tradicional, estabelecem novos modos de ver, sentir e conhecer o mundo. Os meios eletrônicos também reorientam práticas e reconfiguram as relações sociais padrões de sociabilidade. Como destaca Primo (2007), o caminho que se abre com as tecnologias digitais é exatamente novas formas de ser, conhecer e de se comunicar em sociedade. Para Citelli (2004), trabalhar com conceito de Educomunicação implica um olhar para além das tecnologias em busca dos processos constituidores de sentido:

Trata-se, em última instância, de instaurar uma prática de busca e entendimento dos processos constituidores dos sentidos, algo comprometido com o encontro das estruturas significativas, sejam elas de puro deleite, prazer difuso provocador riso, sobriedade analítica ou mesmo a necessária resposta social que pede a participação e envolvimento transformadores. (CITELLI, 2004, p. 17)

A partir das reflexões aqui expostas, pensando a Educomunicação como uma área voltada à prática social baseada na participação e no

---

3 Em breve síntese, pode-se considerar a Teoria Funcionalista com uma corrente que observa o fenômeno da comunicação a partir de um viés unidirecional. Em outros termos, essa a abordagem propõe que um emissor direciona mensagens para uma audiência passiva, utilizando conceitos universais como "quem, diz o quê, em que canal, para quem e sob qual efeito". Cita-se esse conceito, mesmo que brevemente, para fazer contraposição da abordagem sistêmica e educacional: esta entende a comunicação como relação e troca de significados.

diálogo, busca-se aqui entender como os jovens têm se relacionado com essas tecnologias na rede municipal de ensino de São Paulo. Para isso, foi escolhido o projeto *Rádio JMS*.

## **O movimento educ comunicativo em SP**

Antes de chegar à *Rádio JMS*, é necessária uma pequena contextualização de que os projetos educ comunicativos paulistanos não são obra do acaso, mas sim resultantes de uma ampla e complexa rede de trabalho em Comunicação e Educação. Na cidade de São Paulo, a criação da Lei nº 13.941 foi um marco importante para regulamentar os projetos de Educomunicação desenvolvidos nas escolas municipais. A lei, aprovada em 2004, acompanhou o movimento já existente para empoderar jovens estudantes frente aos desafios da contemporaneidadeblog, sobretudo os ligados às tecnologias digitais, reunindo dezenas de professores e alunos para a criação de rádios, *blogs* e jornais escolares. Congressos e Seminários de Educomunicação organizados nos últimos anos também comprovam a existência de inúmeros projetos dessa natureza espalhados por todas as diretorias de ensino do município. Nessa perspectiva, jovens estudantes da rede municipal de São Paulo vêm utilizando os meios de comunicação para se articular em torno de projetos do Programa *Nas Ondas do Rádio*<sup>4</sup>. Em suma, os estudantes organizam pautas, preparam reportagens e discutem assuntos relevantes para constituir sentidos no contexto escolar.

O pensamento educ comunicativo busca se constituir como alternativa ao individualismo, apostando na cidadania para a construção de conhecimento. Essa é a tônica dos diversos projetos de Educomuni-

---

4 Em atividade desde 2001 na cidade de São Paulo, o Programa Nas Ondas do Rádio, inspirado no paradigma educ comunicativo, é uma proposta pedagógica que regulamenta as linguagens midiáticas no processo ensino-aprendizagem nas escolas municipais. Disponível em: < <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/ondas/Default.aspx>> Acesso em: 20 out. 2015.

cação na rede municipal dinamizadas pela regulamentação da lei nº 13.941. Esses movimentos caracterizam-se pela intencionalidade dos jovens em contar a sua própria história, serem protagonistas e utilizarem a educomunicação.

Na esteira para compreender esse movimento realizamos uma série de entrevistas para analisar a constituição da Educomunicação na cidade de São Paulo. De acordo com a Secretaria Municipal, um novo movimento em torno desses projetos só foi possível com o crescimento das redes sociais digitais nos últimos anos. Com plataformas como *Facebook* e *Google Groups*, os projetos, antes dispersos pela cidade de São Paulo, passaram a se encontrar em rede, em um movimento de integração. O resultado dessa conexão por meio das redes sociais digitais foi a troca de experiências, diálogos entre diferentes projetos e, sobretudo, o encontro entre educadores e jovens de diferentes realidades dentro do município. “Um foi conhecendo o outro, entendendo as dificuldades, aprendendo novos horizontes da educomunicação”, afirma o coordenador do programa *Nas Ondas do Rádio*, Carlos Mendes Lima (informação verbal)<sup>5</sup>.

A partir desse movimento de integração, diversos atores passaram a se interessar também pela realidade de outras escolas, criando uma ação de ativismo em torno da promoção e divulgação da Educomunicação. Com efeito, os alunos reivindicam voz em relação às decisões do lugar comum a eles: a escola. A Educomunicação para esses jovens não é apenas uma metodologia ou um novo conteúdo da escola: trata-se da própria expressão e a voz desses alunos para se posicionar frente ao mundo.

---

5 “Entrevista concedida por LIMA, Carlos Mendes. Entrevista I. [set. 2015]. Entrevistador: Douglas Calixto. São Paulo, 2015. DSC\_8934 .MOV (15 min.). Disponível em: < <https://www.youtube.com/user/dodocalixtovivao>>. Acesso em: 03 nov. 2015.

O presente capítulo buscou analisar como a Educomunicação é articulada por meio de entrevistas junto aos participantes da *Rádio JMS*, projeto de Educomunicação da EMEF Júlio Marcondes Salgado. Com a participação de estudantes integrantes do projeto, alunos do 5º ao 9º período do Ensino Fundamental, e análises do *blog* e das redes sociais da *Rádio JMS*, pode-se identificar como a Educomunicação, articulada em rede, oferece elementos para o protagonismo e a participação desses jovens e como trabalham em torno de movimento que, se tem a liberdade de chamar “causa da Educomunicação”.

Alinhado ao programa da Prefeitura de SP *Nas Ondas do Rádio*, o projeto *Rádio JMS* foi criado em 2012 quando foram feitas as primeiras gravações dos alunos para serem exibidas no intervalo das aulas. Desde então, os alunos envolvidos no projeto aprendem e desenvolvem técnicas de filmagem e fotografia, montagem e desmontagem de equipamentos de áudio, além de gravação e edição de material audiovisual.

Em atividade desde 2013 nas redes sociais digitais, como *Facebook* e *Blogspot*, a *Rádio JMS* é composta por 20 alunos do 5º ao 9º ano. A cada início de período letivo os professores que fazem a mediação do projeto, André Jonathas Barbosa e Ana Carolina Cuofano, abrem inscrição para novos ingressantes. Em 2015, 25 alunos participaram do processo seletivo que selecionou 14 vagas remanescentes. Desde a definição da programação musical da rádio - tocada por amplificadores no pátio central da EMEF Julio Marcondes Salgado - até a definição de pautas, entrevistas e reportagens, as atividades do projeto são definidas em comum acordo entre os participantes. Todos têm direito de participar das diversas atividades, orientados por interesse específico ou por uma demanda.

Em conversa com alunos da *Rádio JMS*, o presente capítulo buscou entender qual a percepção que eles têm em relação às redes sociais

na internet. Entre as utilizações do *Facebook* mais mencionadas, está a de se articular para que as pautas por eles organizadas se potencializem e ganhem voz fora da escola. Em outros termos, eles utilizam as redes sociais para falar aquilo que eles acham importantes ao bairro e à escola.

Outro aspecto importante das redes sociais citado pelos jovens entrevistados é a integração que ela permite entre eles, pais, bairro comunidade e outras escolas. Dos 10 membros da *Rádio JMS* que participaram da conversa, todos afirmaram que uma das principais utilizações do *blog*, aplicativo e redes sociais é a de ser canal de comunicação entre eles e o mundo fora dos muros da escola. Aqui, alguns exemplos dos comentários feitos pelos alunos durante a conversa<sup>6</sup> que ilustram essa perspectiva sobre o projeto: "Minha mãe sempre diz que, se a gente usar demais (redes sociais), pode nos deixar muito distante e, se na medida, pode nos aproximar."; "As redes sociais são muito importante para divulgar o que a gente (*Rádio JMS*) pensa o que a gente faz."; "Sem as redes sociais, o que a gente faz não seria tão valorizado, pois as pessoas podem ver o que gente está fazendo e começam a valorizar mais."; "Com as redes sociais, o projeto da escola não fica só na escola, ele vai para outros lugares."; "Eles (alunos de outras EMEF) podem ver o que a gente está fazendo. E nós podemos ver o que eles estão fazendo.", e "A internet tem mais gente e é uma mistura de tudo. Podemos assistir TV, ouvir música, fazer."

Essa ação dos jovens - que visa a ser transformadora na relação dos jovens com o bairro, e do bairro com a escola - revela um caminho aberto pelas redes sociais digitais. Uma vez inseridos no ciberespaço, os jovens se alinham com lógica da troca e do compartilhamento, cur-

---

6 Depoimento verbal com as alunas Clara Luz, 11 anos, 5º ano; Maria Eduarda, 11, 5º ano; Lorena Miranda, 11 anos; 5º ano. Disponível em [modo privado]: [youtube.com/dodocalixtovivao](https://youtube.com/dodocalixtovivao)

tir, comentar, entre outras manifestações da linguagem digital. Nesse processo, buscam se reconhecer dentro no coletivo e afirmar sua identidade. Como propõe Maffesoli (2006), em tempos de tribos, os jovens, como na Rádio JMS, buscam construir laços em comum para poderem ser reconhecidos, “[...] vibrar em comum, sentir em unísono, experimentar coletivamente, tudo o que permite a cada um, movido pelo ideal comunitário, de sentir-se daqui e em casa neste mundo” (MAFFESOLI, 2006, p. 8).

Aparici e Osuna (2014) discutem exatamente a importância dos grupos sociais se reconhecerem dentro de um processo para desenvolver a sua autonomia e caminhos para promoção da cidadania, superando os muros digitais que podem separar esses jovens. Destacam que, embora a internet facilite os cidadãos a terem acesso a todo tipo de informação e compartilhá-la, “produz-se o fenômeno da desinformação por supersaturação informativa, supondo um muro digital que deve ser superado para a construção coletiva do conhecimento” (p. 319). Sobre o muro digital e os caminhos para cidadania dizem:

As enormes possibilidades de acesso à informação também podem construir muros entre as pessoas e o mundo dos significados e do conhecimento, se a cidadania não tiver as competências necessárias para acessar as fontes de informação, de modo crítico, e ser ao mesmo tempo criadora de conteúdos virtuais. Apesar das enormes possibilidades que os jovens têm na internet, muitos deles podem ficar excluídos se não se adaptarem ao ritmo das mudanças e adaptações constantes que caracterizam as tecnologias digitais colaborativas. A brecha digital não é só não ter acesso à rede, mas também não conseguir se adaptar às modalidades participativas que vão sendo desenhadas dinamicamente em sua arquitetura (APARICI & OSUNA, 2014, p. 318)

Exemplo para o que é chamado de modalidades participativas para Aparici e Osuna, a *Rádio JMS* desenvolveu durante o ano letivo de

2015 um aplicativo — disponível no *Google Play* - para que pais, professores e o toda comunidade possam interagir com os alunos. O aplicativo *Rádio JMS 4.0* representa um salto em direção ao protagonismo e à participação. Desenvolvido com a mediação de professores e especialistas em programação, o dispositivo permite que moradores do bairro possam publicar questões relacionadas ao contexto onde moram. Uma vez analisada pela equipe da *Rádio JMS*, um grupo de alunos vai até o local do problema e desenvolvem uma reportagem sobre o tema. Editada e mediada pelos professores, a reportagem, além de ser publicada no *blog* e nas redes sociais, é enviada à subprefeitura responsável pela região da escola.

O exemplo do aplicativo *Rádio JMS 4.0* mostra que, para além dos processos de aprendizagem, os jovens utilizam essas tecnologias sobretudo para interagir e socializar experiências. Ou seja, a utilização da internet e das redes sociais digitais não se limita apenas a fins educativos, mas sim ao entrelaçamento da vida social com a própria construção da identidade dos jovens. Com a internet, multiplicaram-se recursos para desenvolver-se com a participação de todos os envolvidos em um processo constante de interação. O projeto da *Rádio JMS* mostra como as redes sociais na internet oferecem caminhos para que os estudantes encontrem sua plenitude quando inseridos em um todo, e como podem também estimular novas formas de expressão. Ao desenvolver o aplicativo, ao fazer reportagens sobre os problemas que circundam o bairro onde a escola está inserida, entre outros traços da interação nas redes sociais, os jovens mostram a possibilidade de constituir novas formas de participação social.

Os movimentos analisados na *Rádio JSM*, assim como em outras escolas municipais em São Paulo, giram em torno da Educomunicação uma vez que, como indica Soares (2011, p. 39), podem se apresentar como “um caminho de renovação de práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão”. As redes sociais ou qualquer tec-

nologia, seja o *blog* ou aplicativo, não são o aspecto principal, mas sim o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar, como já dissemos, diálogos sociais e educativos.

É importante ressaltar que as ações dos jovens, tanto no *Facebook* ou *blog*, estão inseridas no contexto de organização sociotécnica da rede que, como afirma Sérgio Amadeu (2014), se estabelece como uma rede de controle, dando aos indivíduos “a sensação de completa liberdade de uso, de possibilidade de criação, de múltipla existência no ciberespaço, de navegação anônima, de impossibilidade de observação e acompanhamento de corpos virtualizados” (SILVEIRA, 2014, p. 15).

Isso representa que a inserção dos jovens em rede está condicionada a uma série de fatores sociotécnicos, com implicações sociais e econômicas, que podem de alguma forma dar uma sensação não concreta de liberdade e criação. Pela limitação espacial deste texto, não é possível destrinchar essa perspectiva analítica, mas se reitera, mesmo que brevemente, que não se deve dar a esse movimento dos jovens nas redes digitais um sentido além daquele que ele pode ser analisado.

## **Dificuldade em mediar a relação dos alunos com as redes sociais**

Um das razões para a escolha da *Rádio JMS* para essa análise na disciplina *Educomunicação e cultura infantojuvenil* foi o grande destaque que o projeto alcançou nas redes sociais. A motivação central era entender por que a EMEF tinha um projeto com tantas atividades notórias, como entrevistas com o prefeito Fernando Haddad, o músico Emicida, entre outras diversas coberturas feitas pelos jovens. Desenvolvido com extrema destreza, o *blog* e o canal do *Youtube* mostram como os jovens podem assumir esse papel protagônico diante das tecnologias, o que reflete, como afirma Viana (2005), uma forma da constituição dos sujeitos dentro da sociedade.

Conclui-se que a presença da tecnologia digital, sobretudo da Internet, no cotidiano infantil e na cultura produzida pelas crianças é mais uma forma e a condição de se fazerem sujeitos e parte da sociedade, mantendo seu modo específico de ver e sentir as coisas da vida, e também de expressá-las e significá-las. Notamos que a capacidade criativa e imaginativa das crianças as leva para uma aprendizagem autônoma ou independente de adultos ou escolas para interagir com os produtos disponibilizados pela tecnologia digital, a hipermídia e a rede de computadores. (VIANA, 2005, p. 5)

No entanto, em oposição a essa perspectiva de aprendizagem autônoma e independente destacada por Viana (2005), um ponto chamou atenção sobre o desenvolvimento do projeto, mostrando uma desarmonia em relação ao pensamento educacional. Como já destacado, para ingressar na *Rádio JMS*, os alunos precisam passar por um processo seletivo. O objetivo é identificar os alunos dentro da EMEF Julio Marcondes Salgado que tenham o perfil para fazer parte da equipe. Ora, a Educomunicação busca colocar os recursos tecnológicos disponíveis em favor da descentralização de vozes, da condição de igualdade entre membros de um mesmo ecossistema comunicativo. Nesse sentido, um processo seletivo para o ingresso no projeto pode criar um efeito contrário, de exclusão, dentro do ambiente escolar, afinal, existem os membros do projeto, alunos de destaque aprovados num processo seletivo, e aqueles que não conseguiram passar pela prova.

Evidentemente que essa é uma hipótese prévia, sem qualquer efeito de pesquisa, pois esse trabalho é parte de uma atividade que serve como requisito de avaliação no semestre. Para uma conclusão mais sólida sobre esse cenário, seria necessário mais tempo de investigação e métodos de pesquisa que pudessem dar conta da hipótese diagnosticada. No entanto, essa reflexão se faz pertinente: não será

mais importante para a comunidade escolar um projeto que garanta espaço a todos, a despeito do êxito dos produtos midiáticos, como *blog* e coberturas jornalísticas?

Como destacado, o manuseio e o contato com os aparelhos tecnológicos fazem parte do processo de experiência. É importante saber mexer, publicar, editar, pois esses movimentos dão condições para que os jovens sintam-se empoderados. No entanto, para a educomunicação, é preciso ir além: se faz necessário pensar no “nós” em oposição ao “eu” e, sobretudo, pensar a inter-relação comunicação/educação como processo. Reforça-se: não se trata de nenhum julgamento de valor sobre o projeto desenvolvido pela *Rádio JMS*, mas sim uma reflexão de qual caminho se quer para o protagonismo infantojuvenil na lógica das redes digitais.

Também nesse sentido, vale ressaltar que na contramão dos alunos da *Rádio JMS*, a rede municipal, em sua globalidade, enfrenta dificuldades para garantir acesso e desenvolver trabalhos relacionados às redes sociais digitais. Em entrevista - pertencente ao processo de pesquisa para a dissertação de mestrado - com 22 professores que participaram do curso *Redes Sociais na Escola*, oferecido pela Secretaria Municipal de Ensino em julho de 2015, pode se observar um descompasso entre a atuação de protagonismo dos jovens, observados no exemplo da *Rádio JMS*, com a percepção dos docentes em relação à inserção dos jovens em plataformas digitais. A maioria dos professores (77%) considera a escola onde trabalham despreparada para trabalhar com as redes sociais digitais. Além disso, classificam que a falta de acesso à tecnologia - tanto na escola quanto nas casas dos alunos - é um elemento que dificulta a interação desses jovens nas plataformas digitais com finalidades educativas.

Outra questão que os professores destacam na utilização das redes sociais pelos alunos é justamente de como transformar as atividades

nas redes sociais em ato educativo. Ou seja, os jovens, em grande parte, utilizam as redes sociais como opção de “entretenimento” ao invés de finalidades educativas ou de expressão.

Em contrapartida, os professores reconhecem que a educomunicação pode oferecer uma outra abordagem para a inserção dos alunos em rede, para assim desenvolverem ações de transformação social e ativismo em torno de causas sociais que despertem o senso crítico a eles.

Considerando que, entre crianças e adolescentes brasileiros com acesso à internet, 79% possuem perfis e interagem em redes sociais digitais, de acordo com pesquisa divulgada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) em agosto de 2014, esse descompasso entre o ambiente escolar e a realidade cultural dos alunos acende o sinal de alerta. Outro exemplo da importância de repensar as relações em rede digitais na escola: em 2015, estudo divulgado pela Secom (Secretaria da Comunicação Social) aponta a internet como o meio de comunicação que mais cresce entre os brasileiros. Pelo menos um quarto da população já acessa a rede diariamente, com uma intensidade média de 3h39 minutos por dia; o estudo indica também que já se passa mais tempo na internet do que na TV. Apenas no *Facebook*, cerca de 61,2 milhões de brasileiros tiveram perfis ativos em 2014, de acordo com dados oficiais. Os números expressivos realçam a importância de entender essas tecnologias como um novo espaço social, capaz de redefinir relações. Pensar nas mudanças em trânsito na sociedade em função dessas tecnologias é um desafio recorrente para pesquisadores e profissionais da comunicação.

### **Considerações Finais**

Nos últimos anos, cresce de forma estrondosa as pesquisas de mercado e consumo nas redes sociais na internet. Empresários e especialistas em gestão na internet dominam ferramentas capazes de mapear tendências, grupos sociais e as formas de se relacionar na internet.

Estudos neste sentido partem de uma visão instrumental da internet, estritamente ligada ao mercado financeiro. Com isso, o uso das tecnologias acaba em algumas circunstâncias saindo do controle de seus criadores, ultrapassando o próprio homem, sufocando-o, subordinando-o sob a forma de ideologias. (PRIMO, 2007). Em prol de uma sociedade mais justa e igualitária, é preciso o trabalho incansável para superar esse viés, que coloca os detentores do capital como protagonistas no planejamento e gestão de como se dão as relações online, deslocando cidadãos para a condição de meros consumidores. Esse capítulo vem na esteira de novas percepções de uma internet mais cidadã, de espaço de convivência e colaboração mútua entre os atores sociais: a comunicação como um direito humano. Existe uma onda de pesquisadores, profissionais e cidadãos que buscam diariamente partir nessa direção. A educomunicação se apresenta como caminho possível para pensar ações de cidadania em meio ao esgotamento do diálogo e à escalada da intolerância.

A *Rádio JMS* mostra que há alternativas possíveis e o olhar da educomunicação para as tecnologias digitais podem representar um caminho para a demanda da sociedade para a construção de cidadania nas redes sociais.

## Referências

APARICI, R.; OSUNA, S. Educomunicação e cultural digital. In: APARICI, R. (org.) *Educomunicação: para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014.

CITELLI, A. *Comunicação e educação: a linguagem em movimento*. 3. ed. São Paulo: Senac, 2004.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa Sobre o Uso das TIC's no Brasil: TIC Domicílios e Empresas 2011*. São Paulo: GCI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Tradução. Karen Brito. Disponível em: < <http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-domicilios-e-empresas-2012.pdf> > Acesso em: 03 out. 2014.

FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MAFFESOLI, M. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre, Sulina, 2006.

PRIMO, A. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SILVEIRA, S.A. Para analisar o poder tecnológico como poder político (2011). In: SILVEIRA, S.A, PENTEADO, C., BRAGA, S. (orgs). *Cultura, Política e Ativismo nas Redes Digitais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

SOARES, I. O. *Educomunicação: O Conceito, o Profissional, a Aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. *Educomunicação: um campo de mediações*. In: CITELLI, A., COSTA, C. (orgs.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_; VIANA, C. E. *Pais, filhos e internet: a pesquisa TicKids Online Brasil 2012, na perspectiva da Educomunicação*. Disponível em: <[http://issuu.com/abpeducom/docs/tic-kids-online-2012\\_claudemir\\_isma](http://issuu.com/abpeducom/docs/tic-kids-online-2012_claudemir_isma)>. Acesso em: 20 abr. 2017.

VIANA, C. E. *O lúdico e a aprendizagem na cibercultura: jogos digitais e Internet no cotidiano infantil*. Artigo publicado nos anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2005.

## Sobre o autor

Douglas Calixto - Doutorando em Ciências da Comunicação pela ECA-USP: dodocalixto77@gmail.com